

Um olhar sobre o desenvolvimento da infância: uma abordagem comparativa entre infância em Jean Piaget e de infantil em Sigmund Freud

Marilaine Queiroz de Oliveira¹

<https://orcid.org/0009-0004-4722-5183>

Fernanda Priscila Alves da Silva²

<https://orcid.org/0000-0003-3795-3916>

90

Resumo

O objetivo deste estudo comparativo é realizar análise comparativa entre infância em Jean Piaget e de infantil em Sigmund Freud. Freud no desenvolvimento psicosexual discute os instintos, em que, os seres humanos, desde o nascimento, possuem uma libido (energia sexual) instintiva que se desenvolve através de cinco estágios (oral, anal, fálico, latente e genital), sendo cada um deles caracterizado por uma zona erógena. Já a teoria defendida por Jean Piaget diz respeito ao desenvolvimento dos processos de pensamento e estados mentais e como esses processos influenciam a maneira como as pessoas entendem e interagem com o mundo. O infantil e a infância são apenas terminologias, a real discussão é proporcionar mecanismos para ampliar estudos na área da criança e do adolescente enquanto sujeito peculiar em desenvolvimento para assim torná-los adultos saudáveis físico e mentalmente.

Palavras-chave: Infância; Infantil; Desenvolvimento.

A look at childhood development: a comparative approach between childhood in Jean Piaget and infantilism in Sigmund Freud

Abstract

The objective of this comparative study is to carry out a comparative analysis between childhood in Jean Piaget and childhood in Sigmund Freud. Freud in psychosexual development discusses the instincts, in which human beings, from birth, have an instinctive libido (sexual energy) that develops through five stages (oral, anal, phallic, latent and genital), each of which is characterized by an erogenous zone. The theory advocated by Jean Piaget concerns the development of thought processes and mental states and how these processes influence the way people understand and interact with the world. Childhood and childhood are just terminologies, the real discussion is to provide mechanisms to expand studies in the area of children and adolescents as peculiar subject in development, in order to make them physically and mentally healthy adults.

Keywords: Childhood; Children's; Development.

Tramitação:

Recebido em: 20/12/2024

Aprovado em: 31/07/2025

¹ Psicologia: Pós-Graduada em Terapia Cognitivo-Comportamental, Terapia Ocupacional em Saúde Mental, Práticas em Terapia Ocupacional. Graduação em Psicologia. Graduação em Serviço Social. Mestra em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia pela UFAM. Técnica Analista (Bolsista) do Departamento de Operação de Fomento na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM. E-mail: mariqueiroz15@gmail.com

² Psicóloga e Pedagoga. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ/UFAM). Mestre e Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação e Contemporaneidade, UNEB.. Líder do Grupo de Pesquisa: Encruzilhadas Amazônidas - Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicologia, da UFAM. E-mail: fernandasilva@ufam.edu.br



Introdução

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano”.

Jean Piaget

O estudo do Desenvolvimento Humano é de suma importância para a compreensão do significado dos processos de mudanças e continuidades que as pessoas vivenciam ao longo de suas trajetórias. Ele não é algo peculiar ao ser humano, mas também objeto de estudo de algumas áreas de conhecimento. A ciência do desenvolvimento humano (Dessen, 2014) busca compreender, de alguma maneira, certos comportamentos (inadequados, disfuncionais, dissociados, emocionais-impulsivos) e atitudes (introvertidas, extrovertidas) os quais o humano é capaz de adotar em certas ocasiões de sua vida. As leituras teóricas, neste campo, têm nos mostrado a subjetividade como “algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo que só existe pela relação humana” (Bock, 2008, p.23), não inata. Objeto de estudo da Psicologia, a qual é construída ao longo do amadurecimento biológico, e que nos auxilia no entendimento de tratamentos clínicos, orientações, entre outras práticas como promoção e prevenção de saúde.

Um olhar sobre o desenvolvimento humano busca investigar as modificações que ocorrem nos processos que envolvem os indivíduos desde a infância. O desenvolvimento é entendido, portanto, como processo onde o indivíduo se constrói ativamente nas relações que estabelece com o ambiente físico, social e humano. Até meados da metade do século XX, as teorias deste campo buscavam entender como e de que forma ocorriam as mudanças e continuidades na infância e adolescência.

O objetivo principal deste artigo consiste em realizar uma análise comparativa do desenvolvimento infantil entre infância em Jean Piaget e de infantil em Sigmund Freud. Buscar-se-á contextualizar o desenvolvimento humano à luz dos teóricos Jean Piaget e Sigmund Freud, identificar em que contexto histórico é descrito o desenvolvimento infantil; e por fim analisar a diferença entre infantil e infância de acordo com o recorte histórico.

De um lado, nos encontramos com Jean Piaget (1896-1980), suíço, nasceu e viveu em Genebra. Licenciado em ciências naturais, seus trabalhos estiveram direcionados para a área da biologia, zoologia, depois para a filosofia e psicologia. Piaget busca compreender a gênese do conhecimento humano, a epistemologia genética, constrói um método clínico de investigação, a partir de observações dos comportamentos de seus filhos. Com Freud (1912-



1981), verifica-se a relação entre a psicanálise e a educação e suas contribuições com a teoria do desenvolvimento humano e o conhecimento psíquico. A abordagem psicanalítica tem contribuído particularmente nos estudos sobre o desenvolvimento infantil.

Aspectos Metodológicos

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo de caráter qualitativo, fundamentado em revisão bibliográfica e análise reflexiva e crítica do pensamento de obras de Freud e Piaget. Assim, buscaremos a partir das perspectivas cognitivista e psicanalítica compreender a questão do desenvolvimento humano, com base no desenvolvimento infantil e como este é concebido por Freud e Piaget.

Realizaram-se buscas por artigos, os que foram publicados em revistas de psicologia, além dos disponíveis em sites da scielo que é uma biblioteca digital de livre acesso com publicações digitais de periódicos científicos. Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português, artigos na íntegra que retratassem a temática referente à revisão bibliográfica e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados nos últimos dez anos. A análise dos estudos selecionados, em relação ao delineamento de pesquisa, pautou-se na comparação de temáticas realizadas pelos referidos autores estudados.

Reflexões e Discussões

A Psicologia do Desenvolvimento é uma área da Psicologia que estuda a evolução do indivíduo, em seus aspectos físico-motor, cognitivo, emocional, afetivo e social. “A idade adulta é considerada o grau de amadurecimento completo, porque é geralmente nela que o indivíduo adquire sua estabilidade, firmeza e segurança” (Urrutigaray, 2016, p.12).

Autores como Bock, Furtado, Teixeira (2008) afirmam que o estudo do desenvolvimento do ser humano é realizado desde o nascimento até a idade adulta. São diversas as teorias do desenvolvimento, e com a evolução da ciência proporcionou um estudo mais qualificado, principalmente com o início da Psicologia Científica, com “a necessidade de uma ciência que explicasse os aspectos individuais e subjetivos do ser humano” (Castro, . p.21).

Quando se fala em desenvolvimento humano, nos referimos a um progresso, a um crescimento que se estabelece no plano mental, através do desenvolvimento de estruturas



mentais, que acompanham o mesmo movimento que ocorre no aspecto orgânico do indivíduo. Para Biaggio (2009), a especificidade da psicologia do desenvolvimento humano está em investigar os fatores externos e internos que contribuem para as mudanças no comportamento em períodos de transição rápida.

Urrutigaray (2016) afirma que, as estruturas mentais são composições, comparando com tijolos em uma construção, uma sobre a outra, até sua completa formação da parede. E que, dessa forma vão organizando a atividade mental feita através de processos de aprendizagens adquiridos pelos sujeitos em suas relações consigo mesmo, com os fatos e as circunstâncias ambientais. Posto isto, o estudo do desenvolvimento humano compreende conhecer as características comuns nas diferentes faixas etárias da vida humana, e nesse estudo o desenvolvimento infantil é o objetivo.

Houve um tempo em que não se tinha a concepção da infância como hoje a entendemos, ou seja, como um ser singular, em desenvolvimento, com uma particularidade que a diferencia do adulto. Em *História social da criança e da família*, Philippe Ariès faz um estudo na Europa, no período compreendido entre a Idade Média e o século XX, para demonstrar como a definição de criança se modificou no decorrer do tempo de acordo com parâmetros ideológicos.

Ariès (1981) em seus estudos, expõe que até o século XVII não existia a noção de infância, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, mais fracos e menos inteligentes. Foi somente no século XIX que se abriu caminho para o estudo científico do desenvolvimento infantil. Contudo,

Com a ascensão do capitalismo e dos ideais da burguesia, os valores individuais ganham cada vez mais importância. A criança transforma-se num investimento lucrativo para o Estado, ela é vista como uma força de produção que traria lucros a longo prazo. Passa a ser valorizada a partir de um modelo pedagógico que visa educá-la com o objetivo de assegurar o futuro da civilização (Costa, 2010, p.12).

O capitalismo vê as crianças como forma de lucro, prepará-las para que a sociedade tenha homens bons e produtivos. É nesse momento que surge a escola como meio de educação das crianças, uma formação a partir do movimento de moralização promovido pelos reformadores católicos e protestantes ligados à Igreja, às leis e ao Estado.

De certo modo, demorou para que a sociedade entendesse a criança como sujeito histórico e de direitos. A produção de literaturas existente sobre a história da infância nos

permitem afirmar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo. No entanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o século XIX, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica. Estudos apontam que até o início da década de sessenta a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (Ariès, 1981).

Apreende-se que, as crianças têm características próprias de cada idade e faz-se necessária a compreensão de que existem diferentes formas de perceber, de entender e de agir diante do meio em função de características próprias de cada faixa etária. Podemos afirmar a existência de diferentes fatores influenciadores do desenvolvimento humano:

A **hereditariedade** (estudada pela genética do comportamento que possibilita desenvolver-se ou não), o **crescimento orgânico** (relativo ao aspecto físico – que permite maiores conquistas do meio), a **maturação neurofisiológica** (relativa à aquisição de determinados comportamentos, como, por exemplo, o controle dos músculos esfinterianos), **meio ambiente** (local das influências, desafios e estímulos que alteram os padrões de comportamento humano) (Urrutigaray, 2016, p.17).

A autora elucida que o entendimento do desenvolvimento humano perpassa pela sua subjetividade, seu modo de agir, de se relacionar, de sentir, de se afetar com as influências ambientais e culturais. Determinar quais as estruturas comuns está presentes em cada idade, e isso irá auxiliar para mensurar o comportamento das crianças e nos permitirá mais objetividade para observar, interpretar e identificar os limites, as facilidades e dificuldades individuais (Urrutigaray, 2016).

As bases conceituais de Freud para a compreensão do desenvolvimento infantil dentro do contexto teórico da Psicanálise, o que nos remete a explicações de caráter dinâmico, com foco nas relações intersubjetivas. Sua obra foi consequência de seu trabalho clínico. Freud se formou médico neurologista, porém fez um estágio junto à Charcot na Salpêtrière, em Paris, no qual, dedicou-se para os fenômenos psíquicos. Freud iniciou seu trabalho com as pacientes histéricas, que constatou que se tratava de uma enfermidade que produzia sintomas reais, mas que não correspondiam a danos neurológicos, então, voltou seu interesse para o que causava os sintomas. Se não eram de origem fisiológica e não havia uma compreensão clara e coerente, estes sintomas viriam de “um outro lugar psíquico”, ideia que culminou no conceito de Inconsciente (Trillat, 1991).



Com a prática clínica, Freud criou as teorias que constituíram a Psicanálise³. Assim, suas investigações sobre as causas e funcionamento das neuroses, descobriu que a grande maioria de pensamentos e desejos recalcados se referia a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos. Percebeu que as experiências de caráter traumático estavam sempre ligados na vida infantil, o que o levou a se preocupar com o desenvolvimento das crianças. As lembranças de seus pacientes colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e, assim, é desenvolvido o segundo conceito mais importante da teoria psicanalítica, a sexualidade infantil.

Em suas investigações, Freud descobre que a causa e o funcionamento da neurose, está nos pensamentos e desejos reprimidos, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, ou seja, na vida infantil que estavam as experiências de caráter traumático e reprimidas e que deixavam marcas profundas na estruturação da pessoa. Suas descobertas colocou a sexualidade infantil no centro da vida psíquica, causando polêmica na comunidade médica, pois se tinham a concepção da infância como “inocente”, o saber que vigorava na época, era que a função sexual se iniciava a partir da puberdade, mas para Freud, existe desde o princípio de vida, logo após o nascimento. Os principais aspectos dessa descobertas são:

- A função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento, e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes;
- O período de desenvolvimento da sexualidade é longo e complexo até chegar à sexualidade adulta, quando as funções de reprodução e de obtenção do prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Essa afirmação contrariava as ideias predominantes de que sexo estava associado, exclusivamente, à reprodução;
- A libido, nas palavras de Freud, é “a energia dos instintos sexuais e só deles” (FREUD, S., op.cit) (Bock; Furtado; Teixeira, 2008, P.50).

No que se refere ao conceito de libido⁴ em Freud é compreendido como energia que

³ O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e uma prática profissional. Enquanto teoria, caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. Como método de investigação, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifestado por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. A análise, busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre por meio desse processo de investigação (Bock; Furtado; Teixeira, 2008, p.47).

⁴ Substantivo feminino com origem no latim libido e que é usado para descrever o desejo ou impulso sexual de um homem ou mulher. No âmbito da psicologia, a libido é fundamental para entender o comportamento humano, porque o condiciona e é vista como a energia que direciona os instintos vitais. Como não está ligada exclusivamente aos órgãos genitais, a libido pode ser direcionada em



investe nos objetos externos ou no próprio eu. Sua origem é sempre sexual, porque é uma energia que, originalmente, visa à satisfação de um desejo entre sujeito e objeto. No que se refere ao processo psicosssexual, o indivíduo em seus primeiros tempo de vida, tem a função sexual liga a sobrevivência, onde o prazer, é encontrado no próprio corpo, ou seja, as excitações sexuais encontram-se no corpo. O que levou Freud a postular as fases do desenvolvimento sexual, essas fases são marcadas pela zona erógena preponderante e por um padrão de comportamento que se adquire na vivência de cada estágio:

Fases	Descrição
<p>Fase oral (0 a 2 anos)</p>	<p>Nessa fase, a zona de erotização é a boca, e o prazer ainda está relacionado à ingestão de alimentos, à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal. O objetivo, do ponto de vista libidinal, é descarregar a tensão causada pela fome e desconfortos similares através de uma relação com o objeto nos moldes da incorporação. Ao longo da fase oral, o bebê vai desenvolver a noção de alteridade, de dentro e fora, e vai consolidar a percepção da sua própria imagem em relação à imagem do outro. Mas no início da vida não existe esse registro. A relação se dá em primeira instância com o seio da mãe, e não com a mãe. A vivência da fase oral é em grande parte autoerótica, ou seja, o prazer é encontrado no próprio corpo. O hábito de levar os objetos à boca, comum em crianças nessa idade, é impulsionado pelo desejo de alcançar prazer estimulando a zona erógena (boca) e reflete uma forma de relação com o mundo. A exploração dos objetos é, muitas vezes, marcada pela voracidade típica da ausência de simbolização do objeto. As relações têm um caráter concreto que, aos poucos, começa a dar lugar à simbolização já no fim da fase oral.</p>
<p>Fase anal (entre 2 a 4 anos, aproximadamente)</p>	<p>Nessa fase, a zona de erotização é o ânus, e a característica central de relação com o objeto alterna a satisfação pulsional por fins ativos e passivos. A necessidade de aprender novos hábitos de higiene põe em foco, para a criança, o ato de evacuar, principalmente. Do ponto de vista do corpo como fonte de prazer, a fase anal está ligada ao controle dos esfíncteres (anal e uretral), sendo este controle uma nova fonte de prazer. Do ponto de vista dinâmico, a fase anal marca o início das relações simbólicas, trazendo o controle como um exercício possível para a criança, que, até então, tinha um lugar passivo nas relações objetais. O comportamento de usar o vaso sanitário precisa ser adquirido e trata-se de um aprendizado. A mãe valoriza as vezes em que a criança atinge este objetivo proposto, e esta atividade é colocada no centro da vida infantil. A criança percebe o valor das fezes ou urina como moeda de troca com a mãe e pode, a partir daí, assumir um lugar de controle nessa relação. É importante ressaltar que a criança precisa experimentar este lugar e que o “cocô” simboliza uma produção pessoal. A fase anal tem importância fundamental para o desenvolvimento das habilidades relacionais, o que depende, decerto, da forma como esta fase é vivida dentro da dinâmica familiar.</p>
	<p>A fase fálica tem como uma de suas principais características a descoberta dos órgãos genitais como fonte privilegiada de prazer. A criança passa a</p>

relação a uma pessoa, objeto, ao próprio corpo ou a uma atividade intelectual. No âmbito da psicanálise, de acordo com Freud, a libido consiste em uma energia psíquica que resulta maioritariamente do instinto sexual e que determina o comportamento da vida do homem. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/libido/>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

<p>Fase fálica (3 a 5 anos, aproximadamente)</p>	<p>explorar esta área através da masturbação infantil, ou seja, a zona erógena desta fase é constituída pelos genitais infantis. É também o período em que as crianças descobrem a diferença anatômica e criam fantasias a partir da ausência/presença do falo. Dentro da lógica infantil, o falo – representado pelo pênis – indica mais prazer e confere uma valorização narcísica para quem o porta devido à sua presença. O órgão genital feminino é compreendido como ausência de falo, o que desencadeia o sentimento de inferioridade nas meninas e a sensação de ansiedade nos meninos, baseada na fantasia de perder o falo (fantasia de castração). A fase fálica também é marcada pelo Complexo de Édipo, experiência de fundamental importância para a organização psíquica como um todo. O complexo de Édipo consiste, de forma simplificada, no fato de o menino tomar a mãe como objeto de amor, tendo o pai como rival. A ambivalência está presente nesses sentimentos, o que torna a fase mais difícil para a criança. O menino vê no pai um rival, mas também o ama e admira; tem o desejo romantizado de ter a mãe só para ele, mas também nutre momentos de ódio quando é repreendido ou frustrado em seus desejos. É muito importante a função do pai como aquele que impede o desejo incestuoso, impondo limite e promovendo, assim, a internalização de uma regra social básica a partir da qual todas as outras serão compreendidas. O superego, instância do psiquismo responsável pela censura, é herdeiro do complexo de Édipo, como afirma Freud em <i>O Ego e o Id</i>, texto de 1923.</p>
<p>Período de Latência (de 6 a 11)</p>	<p>É a fase posterior à dissolução do complexo de Édipo, caracterizada pelo apaziguamento da pulsão sexual. Este período coincide com a época em que o desenvolvimento cognitivo se torna mais focalizado devido às cobranças escolares. Freud não se dedicou a investigar de forma mais aprofundada esta fase do desenvolvimento.</p>
<p>Fase Genital (de 12 em diante)</p>	<p>A fase genital se consolida a partir da adolescência e é descrita como um período em que a sexualidade deixaria de ser distribuída em zonas erógenas diversas para se concentrar na zona genital. Freud é, certamente, influenciado pela normatividade da época, que associava sexualidade à reprodução. Entretanto, ele continua a ressaltar a importância da fantasia para a escolha dos parceiros amorosos e das relações sexuais. Por isso, o adolescente e o adulto estariam na mesma fase e não há um período posterior que denote mais maturidade afetiva. As fantasias inconscientes que são construídas a partir da vivência infantil são a base da vida erótica desde que esta possa ser compartilhada com outro ser humano, o que acontece na adolescência. As pessoas podem amadurecer em diversos aspectos, mas sua vida afetiva será uma consequência de seu desenvolvimento infantil.</p>

Fonte: Urrutigaray, Maria Cristina. *Desenvolvimento da infância e adolescência*. Rio de Janeiro: SESES, 2016

Observa-se que o olhar de Freud para o desenvolvimento humano tem como recorte a sexualidade e a qualidade das relações afetivas. Sendo por esse prisma que a Psicanálise vai explicar a construção subjetiva, com as nuances e características que variam de acordo com a história de cada um. A obra de Freud, foi desenvolvida tendo como experiência sua clínica, que gerou diversas leituras sobre psicanálise infantil com teorias enriquecedoras para a Psicologia. Alguns psicanalistas pós-freudianos dedicaram-se a teorizar sobre o desenvolvimento, levando em conta prioritariamente as primeiras relações objetivas, correspondentes à fase oral.

Ademais, o caminho que Freud percorreu para a compreensão de infância ao infantil

nos primórdios da psicanálise, percebeu-se que houve momentos em que essa construção teórica assume contornos mais precisos, principalmente quando a fantasia passa a ocupar um lugar teórico relevante na compreensão da constituição do psiquismo. Esse lugar consiste em atribuir à realidade psíquica um valor de determinação antes atribuído apenas à realidade material.

Jean Piaget (1896-1980) psicólogo e biólogo suíço estudou desenvolvimento humano para entender comportamento do indivíduo e como ele se comporta em determinada situação no decorrer de sua vida. O desenvolvimento humano está vinculado ao desenvolvimento mental e o crescimento orgânico. De acordo com Bock (2008):

O desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Elas são formas de organização da atividade mental que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas, estando plenamente desenvolvida, caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, da vida afetiva e das relações sociais. (Bock, 2008 118).

A autora elucida que algumas dessas estruturas mentais permanecem ao longo da vida dos indivíduos e cita como exemplo a motivação, estando sempre presente como desencadeadora de ações fisiológicas. Nesse sentido, sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo infantil parte do pressuposto de que este começa com o nascimento da criança e evolui acompanhando o crescimento e a maturidade, chegando à fase adulta com conhecimentos possíveis a ela. Segundo Piaget (1973), as crianças tendem a adquirir conhecimento por meios de ações sobre os objetos e de experiências cognitivas concretas., construindo seu conhecimento durante as interações com os outros e com o mundo.

De acordo com Chiabai (1990):

A inteligência para Piaget é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova e, como tal, implica a construção contínua de novas estruturas. Esta adaptação refere-se ao mundo exterior, como toda adaptação biológica. Desta forma, os indivíduos se desenvolvem intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio que os cercam. O que vale também dizer que a inteligência humana pode ser exercitada, buscando um aperfeiçoamento de potencialidades, que evolui "desde o nível mais primitivo da existência, caracterizado por trocas bioquímicas até o nível das trocas simbólicas. (Chiabai, 1990, p. 3)

Segundo Piaget (1999, p.32), “toda a casualidade, desenvolvida na primeira infância,

participa das mesmas características de: indiferenciação entre o psíquico e o físico e egocentrismo intelectual”. Nesse sentido, Piaget buscou compreender como o aprendiz passa de um estado de menor para maior conhecimento, o que está intimamente relacionado com o desenvolvimento pessoal do indivíduo, visto que, o desenvolvimento da criança implica em uma série de estruturas construídas progressivamente contínua, pois o sujeito é um ser ativo que estabelece relações de troca de conhecimento com o sistema de relações vivenciadas e significativas para ele.

Piaget elenca quatro estágios que precedem o desenvolvimento infantil: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais, como podem ser descritos a seguir:

Estágios	Descrição
Sensório-motor (0 a 2 anos)	Período em que os atos inteligentes da criança compreendem as ações motoras como resposta aos diversos estímulos que afetam os seus sentidos. A partir da inteligência prática, dos reflexos neurológicos básicos a criança inicia a construção de esquemas de ação para a assimilação do meio. Porém, ainda não dispõe de uma estrutura representativa que permita internalizar os objetos de modo que possa agir apenas no plano mental. Por meio da imitação a criança realiza diferentes experiências e aprende, mas é indispensável a presença do objeto, visto que ele é próprio modelo de imitação. Culmina com o aparecimento da linguagem.
Pré-operacional pré-operatório (2 a 6 anos)	Ocorre a transição entre a inteligência sensório-motora e a inteligência simbólica. A função simbólica na criança é responsável pela capacidade de substituição do objeto por sua representação, possibilitando-lhe tratar os objetos como símbolos. Esta capacidade possibilita aquisição dos significados sociais, presentes no contexto em que ela vive, criando as condições para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Ao final deste estágio, o pensamento da criança começa a assumir a forma de operações concretas, quando surgem as noções temporais, espaciais, de velocidade e ordem. A criança já tem condições de compreender o ponto de vista da outra pessoa e de conceituar algumas relações. Nessa fase, são constituídas as bases para o pensamento lógico característico do final do desenvolvimento cognitivo.
Operações concretas operatório concreto (7 a 11)	A criança é capaz de realizar operações a partir de materiais concretos, desenvolve noções espaciais e a capacidade de raciocinar o mundo de maneira mais lógica e adulta. Adquire a reversibilidade lógica, que configura uma propriedade das ações da criança auxiliando na construção das noções de conservação de comprimento, distâncias, quantidades discretas e contínuas e quantidades físicas. Também desenvolve a capacidade de aplicar um mesmo tipo de pensamento em situações-problema diferentes. De acordo com Papalia e Olds (2000), crianças na faixa etária das operações concretas tendem a ser menos egocêntricas e mais eficientes em tarefas que demandam raciocínio lógico, como relações espaciais, causalidade, categorização, raciocínio indutivo e dedutivo e conservação. E é isso que diferencia a criança em idade escolar de crianças menores.
Operações formais operatório formal (12 anos em diante)	A partir dos 12 anos de idade, a criança consegue pensar de forma abstrata e hipotética, é capaz de estabelecer relações possíveis respeitando determinada lógica, testa hipóteses em busca de solução para problemas. Atinge um nível mais elevado de desenvolvimento, podendo resolver situações através do

	raciocínio lógico e explicar fatos observáveis utilizando-se de suposições. Neste estágio o indivíduo inicia sua transição para o modo adulto de pensar.
--	--

Fonte: PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Humano. 8ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

O desenvolvimento da criança na visão de Piaget implica mudanças dos esquemas de interpretação da realidade conhecida. Essas mudanças não é fruto de uma simples leitura da realidade e nem pura cópia da experiência. À medida que os seres humanos estabelecem intercâmbio com o meio no qual vive existe uma tendência ao equilíbrio. Esta equilibrção não ocorre simplesmente para recuperar o equilíbrio perdido, mas, sobretudo, numa tendência para recuperar o equilíbrio num nível superior ao que era permitido pela organização de esquemas. De acordo com Coll (2007):

Os esquemas de Piaget de assimilação e de interpretação da realidade estão estritamente relacionados com sua capacidade de aprender e tirar proveito do ensino sistemático a propósito de um conteúdo escolar concreto como, por exemplo, os mecanismos de participação dos cidadãos no funcionamento de um sistema democrático (Coll, 2007, p. 157).

Observa-se que na visão de Piaget, o sujeito estabelece a ação de troca com o meio, o qual pressupõe duas dimensões: a assimilação e a acomodação. E por esse motivo, o sujeito age ativamente sobre o objeto, de forma que quando há assimilação, este se apropria do objeto, criando assim, significado próprio do objeto de acordo com sua fase cognitiva.

Assim, percebeu-se que as etapas o desenvolvimento em Piaget, podem ser compreendidas como bases essenciais na formação do sujeito como um todo, isso já determinado como cidadão em suas atribuições na sociedade. Pois entende-se que, uma fase bem desenvolvida pelo sujeito, contribuirá para com as demais, pois uma criança que teve uma expansão no pensamento simbólico no estágio sensório motor, terá “grande expansão no uso do pensamento simbólico” (Papalia, 2013, p. 259).

Considerações Finais

Ao concluir o presente estudo, percebe-se que ao ter conhecimento dos períodos de desenvolvimento, tanto em Freud quanto em Piaget, este podemos compreender seu estágio de desenvolvimento de aprendizado quanto cognitivo, potencializando assim, as atividades e conteúdos adequadas para cada faixa etária, contribuindo grandemente com a formação individual.



Ressalta-se que a infância faz parte da história da psicanálise em Freud, sendo uma de suas marcas indeléveis, com lembranças referentes aos primeiros anos de vida de seus pacientes e estão presentes em seus escritos desde os seus primórdios. E contribui na elaboração teórica em torno do período da vida humana para os psicanalistas, ou seja, o modo como ouvem os relatos de seus pacientes em relação aos seus primeiros anos de vida.

Podemos assim, dizer que a principal característica da compreensão psicanalítica em relação à infância consiste no interesse de resgatar na fala dos pacientes, não sua própria constituição, mas seu modo de lembrar o passado. Como esse duplo movimento que o infantil estabelece e ao mesmo tempo em que constitui, ele próprio oferece modos de interpretação dessa constituição.

Outra contribuição ao desenvolvimento infantil foi a percepção da real importância de cada estágio para o desenvolvimento da formação humana, e a relação e a relevância do equilíbrio entre adaptação, assimilação e acomodação as quais regem as passagens de estágios, as quais devem receber grande atenção e atendimento, pois ocorre nesse processo a progressão do conhecimento e a construção de estrutura para as demais aprendizagens do estágio a ser atingindo (Piaget, 2013).

Podemos concluir que, ter o conhecimento das fases de desenvolvimento humano, pode proporcionar aos profissionais ter melhores compreensões a cerca do ser humano como um todo, entendendo as particularidades de cada estágio, e quais as melhores abordagens a serem utilizadas quando se fizer necessário o auxílio no desenvolvimento de habilidades para a atuação com o público infanto-juvenil.

Referências

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CASTRO, Raquel Almeida de. **Psicologia Geral**, 2016. Disponível em: [https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/5533/7/A\)%20Psicologia%20Geral.pdf](https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/5533/7/A)%20Psicologia%20Geral.pdf). Acesso em: abr. 2023.

CHIABAI, Isa Maria. **A influência do meio rural no processo de cognição de crianças da pré-escola**: uma interpretação fundamentada na teoria do conhecimento de Jean Piaget. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1990.

COLL, C.; MARTÍ, E. **Aprendizagem e desenvolvimento**: a concepção genético-cognitiva da aprendizagem. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. *et al.* **Desenvolvimento**





RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

psicológico e educação: psicologia da educação escolar. v. 2. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 105-121.

COLL, César (org.). **O construtivismo na sala de aula.** 3ª ed. São Paulo: Atica, 2007.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças.** 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora. BISINOTO, Cynthia. **Avanços conceituais e teóricos em desenvolvimento humano:** as bases para o diálogo multidisciplinar. A ciência do desenvolvimento humano: desafios para a psicologia e a educação. In: DESSEN, Maria Auxiliadora; MACIEL, Diva Albuquerque (Orgs.). Curitiba: Juruá EDITORA, 2014.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** ESB Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **Seis estudos de psicologia.** Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24ª Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 8ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. **Desenvolvimento da infância e adolescência.** Rio de Janeiro: SESES, 2016.

TRILLAT, E. **História da Histeria.** São Paulo: Escuta, 1991. Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem [recurso eletrônico] / Josieli Piovesan ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

